



9º Congresso de Pós-Graduação

ESTUDO DO MEIO: LÚDICO E SUSTENTABILIDADE

Autor(es)

ANDRE BENATTI DE ANDRADE

Orientador(es)

NELSON CARVALHO MARCELLINO

1. Introdução

Essa pesquisa traz algumas informações referentes ao estudo do meio, objeto do estudo, que mostram a sua importância. O assunto a ser abordado, é de grande importância, pois vem crescendo muito e hoje faz parte dos programas de muitas escolas de Campinas e região, foco da pesquisa. Escolas particulares e estaduais, têm procurado atividades extra classe, em busca do desenvolvimento contextualizado de seu aluno. Percebe-se que muitos roteiros de estudo do meio são criados a partir de lugares que possuem estrutura semelhante ou igual aquelas que os alunos vêem em sala de aula, lugares que propõem para os alunos o mesmo conteúdo visto na escola, porém, de forma prática.

Atualmente, escolas de Campinas e região vêm procurando agências que promovem viagens de estudo do meio, para organizar e realizar os roteiros com segurança e profissionalismo. Essas agências organizam desde a saída do aluno da escola até o retorno, sendo que todo o período durante o estudo é desenvolvido, elas permanecem com os alunos, passando as informações relativas ao assunto. As viagens de estudo do meio, permitem que os alunos tenham algumas vivências de acordo com trabalho realizado em sala de aula, por exemplo: biologia, física, química, estudos sociais, geografia, geologia, língua portuguesa, história, artes, entre outras.

O que se percebe é que em alguns temas abordados em diferentes roteiros, o componente lúdico da cultura nem sempre é estimulado e que situações decorrentes do lazer poderiam ser mais exploradas. Podemos relacionar o lazer em um roteiro já existente, reorganizando o conteúdo de forma interdisciplinar e divertida, no objetivo do estudo do meio, tendo assim uma outra possibilidade para o ensino aprendido.

2. Objetivos

Nosso objetivo é ampliar o conceito de estudo do meio, baseado no lúdico e no entendimento sobre a proposta educativa do lazer. Procuraremos estudar o “estudo do meio”, para além dos conteúdos, com um olhar de processo, e não apenas de produto.

3. Desenvolvimento

O que é o estudo do meio?

O estudo do meio vem sendo estudado por autores, que demonstram a sua importância, para os envolvidos nessa prática.

Pannuti, M. R. V. (1981, p. 50), descrevendo sobre o estudo do meio, diz que “o estudo leva sempre a uma descoberta, que faz com que o educando se conheça e aprofunde seu conhecimento sobre a realidade circundante”.

O interessante é entender o meio para assim expor ao aluno de forma concreta e diferente da maneira que é trabalhado em sala de aula, criando alternativas, cada dia mais criativo, para o estudo de temas diferenciados vistos na escola.

O Objetivo do estudo do meio é levar o aluno ao local que ele conhece somente pelos livros. Conhecer o Marco central de São Paulo, a Serra do Japi ou mesmo o museu do Futebol no Pacaembu, são alternativas de mostrar ao aluno a realidade ao vivo, como experiência não somente de educação para o trabalho, mas para a vida.

Para Nidelcoff (1991) existem três objetivos quando se pensa em Estudo do Meio: Aprender a notar e analisar a realidade; promover nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica diante da realidade; dar início ao estudo de geografia, isto é, captar a inter-relação do homem com o meio, partindo da sua própria experiência.

Nesse caso o autor estimula a disciplina Geografia, porém, nesse estudo procuraremos atribuir o conteúdo final com situações relacionadas ao Lazer, tendo como pressuposto o estímulo aos interesses culturais do lazer físico-esportivo, social, artístico, intelectual, manual e turístico, através do lúdico e da aprendizagem que ele ensina.

Estudo do Meio e sustentabilidade

Pensar o estudo do meio unido à sustentabilidade, não é uma tarefa das mais difíceis. Isso por que em qualquer ambiente que estamos ela está presente. Quando falamos desse tema, automaticamente pensamos em matas, florestas e preservação das mesmas, porém o estudo do meio não acontece somente em “meio a matas e florestas”, mas também em museus, praças, parques, exposições, etc.

Pensando dessa forma, Schot, A. P. Et. Al.(v.1 n.1, 2004) diz que “o estudo do meio (aula-campo) permite ao aluno ver de perto, na escala real, na observação direta, e perceber, por meio da paisagem e do lugar, como acontece o espaço.” Para Schot, “trata-se de um jeito diferente e bem mais eficiente de estudar; envolve o incentivo a investigação; a utilização de recursos diferentes e mais motivadores do que o livro didático”.

Acreditamos que o estudo do meio tem seu valor na apropriação dos sentidos de forma ampla e natural, quando o sentir, o enxergar, e o ouvir, tornam-se relevantes e assim, conseqüentemente, se transforma o ensino no meio onde quer que se esteja. Ou seja, o incentivo à utilização dos sentidos é o que torna esse estudo de campo mais interessante, pois com essa situação, outros valores serão dados à prática do estudo do meio.

Mas, e a sustentabilidade, onde a conseguimos visualizar, pensando nos sentidos?

Gadotti, M. (1998, p.2), comentando sobre os trabalhos de Francisco Gutiérrez ele compreende que “parece impossível construir um desenvolvimento sustentável sem uma educação para o desenvolvimento sustentável”.

Apesar de parecer redundante, fica claro que a questão educação, é de extrema importância para o foco da sustentabilidade, e aí conseguimos elaborar um tripé de conceitos: educação, sustentabilidade e estudo do meio.

Se não conseguirmos atingir o foco da educação durante o estudo do meio, não conseguiremos demonstrar a necessidade da sustentabilidade, se o foco não for ela, mesmo havendo o estudo do meio, poderá não haver educação, e se o foco for ela, mas sem o caráter educativo, poderá não existir o estudo do meio.

Podemos dizer a partir desse tripé, que esses três itens devem sempre estar em equilíbrio, nunca um sobre o outro, para que a educação esteja baseada na sustentabilidade, com foco no estudo do meio.

A importância de se pensar dessa forma é em reinterpretar o evento estudo do meio, que cada vez mais se observa como uma arma comercial de escolas e agências, perdendo muitas vezes o foco educativo. Com essa reinterpretação do estudo do meio, o foco deixa de ser o conteúdo pelo conteúdo, a logística da viagem e a sua organização como itens mais importantes do que o próprio objetivo, o ensino de determinado assunto para os alunos.

É importante ressaltar que o estudo do meio deve começar dias antes da viagem e terminar após a viagem, sempre inserido no projeto pedagógico, exatamente equilibrando o tripé para assim demonstrar a coerência dessa viagem pedagógica.

Andrade, C. (2008, p. 85) descreve que “o contexto de nossa abordagem será o movimento da sustentabilidade, que promete transformar fundamentalmente a configuração de nosso futuro e, em paralelo, oferecer as contribuições de relações públicas nesse processo”.

Oliveira, C. D. M. de.(2006, p. 41) completa com esse mesmo direcionamento, dizendo que:

Não é todo e qualquer Estudo do Meio nem a técnica de redução mecânica de suas etapas que garante ao Ensino de Geografia uma espécie de sustentabilidade educacional. Somente aquele estudo que responsabiliza (e leva o aluno a se responsabilizar) por esse meio é que converte numa prática pedagógica além da idealização.

Ou seja, reduzir para poder explicar algo não é uma técnica que garante o ensino de tal disciplina (nesse caso a geografia), mas a coerência da fala com o ato, dela com a responsabilidade dividida, para assim exercer sentido para todos do grupo.

Falar de sustentabilidade exige atitude, sendo ela vivida no meio social, educacional, profissional, ou em qualquer outra possibilidade de convívio.

Estudo do meio e Lúdico

Quando pensamos em lúdico, automaticamente pensamos em brincar, jogar, diversão, exatamente como no dicionário Mini Aurélio (2001 p.433) que diz: “lúdico adj. Relativo a jogos, brinquedos e divertimentos.” Porém, Marcellino N.C. (1989, p. 28) “opta por uma abordagem do lúdico não “em si mesmo”, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira etc), mas como um componente da cultura historicamente situada”.

Isso nos remete a pensar que por se tratar de componente da cultura, o lúdico está presente na atividade humana e não em determinada atividade humana.

Falando de cultura, Valle, E. (1982, p. 35) diz que a cultura deve ser entendida “...num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve”. Marcellino (1989, p. 28) completa dizendo que: “Implica, assim, no reconhecimento de que a atividade do homem está vinculada à construção de significados que dão sentido à sua existência. A análise da cultura, pois, não pode ficar restrita ao ‘produto’ da atividade humana, mas tem que considerar também o ‘processo dessa produção’ - ‘o modo como esse produto é socialmente elaborado.’”

Pelo fato do lúdico estar inserido na cultura, ele não faz parte somente do lazer, mas também do trabalho, das situações familiares, do aspecto religioso, enfim de todos os momentos da vida. Sabendo disso, não é possível afirmar que ele só ocorre no tempo livre ou disponível, mas pode estar presente nas 24 horas do dia e de qualquer indivíduo. Porém, sabemos que algumas situações provocam a presença do lúdico, e que em outras, a dificuldade de verificação desse componente é mais difícil.

Completando, Marcellino N. C. (1989, pag. 37) diz que:

Deve-se levar em conta ainda, que se o conteúdo das atividades de lazer pode ser altamente “educativo”, também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades “pedagógicas” muito grandes, uma vez que o componente lúdico, com seu “faz de conta”, que permeia o lazer, pode se constituir uma espécie de denúncia da realidade, à medida que contribui para mostrar, em forma de sentimento, a contradição entre obrigação e prazer.

Por se tratar de uma atividade extra-classe (na maioria das vezes obrigatória), é incoerente dizer que o estudo do meio ocorre no tempo disponível da criança ou no momento de lazer, até porque muitas escolas avaliam formalmente seus alunos no evento, sobre o conteúdo vivenciado, diferente do lazer em que vivenciamos um momento de livre escolha e após cumprirmos as obrigações profissionais, sociais, familiares e religiosas.

A partir desse princípio, podemos então sugerir que o estudo do meio absorva mais características do lazer como a espontaneidade. Assim o duplo processo educativo do lazer (educação para e pelo lazer), pode ser uma alternativa viável. Se somarmos então ao estímulo do lúdico enquanto componente da cultura no mesmo evento, temos duas situações favoráveis para o ensino aprendizagem.

4. Resultado e Discussão

Formulação de Hipóteses

A partir das possibilidades referidas no texto acima, observamos que as possibilidades de apropriação dos conceitos de lúdico e das boas influências do lazer, podem melhorar o ensino aprendizagem no contexto do estudo do meio.

Isso significaria que alunos aprenderiam mais durante esse evento, se monitores pedagógicos (profissionais designados a transmitir informações durante o estudo do meio) utilizassem técnicas mais criativas, durante a explanação de conteúdos, no estudo do meio.

Além disso, coordenadores e diretores dos colégios poderiam deixar que a atividade fosse de livre escolha, isto é, o aluno podendo ou não participar, trazendo um dos aspectos relevantes do lazer- a livre escolha. Isso proporcionaria uma despreocupação dos alunos em ouvir sobre o assunto para responder um determinado questionário como avaliação, por exemplo, e traria a tona o processo educativo do lazer como prioridade.

Quanto à questão da sustentabilidade, podemos interpretar a atividade do estudo do meio como uma ótima alternativa para se ensinar questões sobre a ela, como assunto a ser discutido, exemplos passados aos alunos, mas principalmente como atitude vivenciada pelos envolvidos na prática.

5. Considerações Finais

O que podemos concluir com essa revisão bibliográfica, é que a coerência no estudo do meio eleva seu grau educativo e cria no aluno autonomia para que ele se desenvolva e possa questionar a sustentabilidade de forma clara e objetiva.

A partir desse momento, acredito que podemos dizer que o aluno realmente aprendeu e fará diferença onde estiver com as informações que adquiriu.

Vemos então a importância de se desenvolver o tripé mencionado neste estudo: educação, sustentabilidade e estudo do meio, através de situações proporcionadas durante o evento, com características interessantes do lazer (livre adesão, espontaneidade, divertimento, descanso e desenvolvimento pessoal e social), juntamente com o estímulo do componente lúdico da cultura.

Esse tripé, estimulado dessa forma, poderá trazer a relação já descrita e autonomia para os alunos opinarem, aprenderem, ensinarem, aplicarem as informações recebidas no evento, antes e depois do mesmo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. Relações públicas e sustentabilidade. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 12 n.12, p. 85-106, jan/dez. 2008

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. D. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1977.

CRUZ, A. D. C., MENDES, M. T. R. Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: estrutura e apresentação (NBR 14724/2002), 2ª ed. Niterói: Intertexto, 2004

FERREIRA, A. B. D. H. Mini Aurélio Século XXI Escolar, o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

GADOTTI, M. Ecopedagogia e Educação para a sustentabilidade. Instituto Paulo Freire, USP. (s/d)

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCELLINO, N. C. Pedagogia da Animação, 7ª edição. Campinas, SP. Papyrus, 1989.

NIDELCOFF, M. T. As ciências sociais na escola - Tradução: Déborah Jimenez. Editora Brasiliense. São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, C. D. M. DE. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em geografia / Environment study as geoeducativo tourism: renewina the pratical pedagogical in geography. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia - Goiás - Brasil v. 26 n. 1 p. 31-47 jan./jun. 2006

PANNUTTI, M. R. V. (COORD.). Estudos Sociais: uma proposta para o professor. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

SCHOT, A. P. ET AL. O estudo do meio ambiente – ir ver o que não se aprende nos livros. Revista Práticas de Geografia, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2004.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico, 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VALLE, E. e QUEIROZ, J. J. (org.) A Cultura do povo. São Paulo, EDUC, 1982.